
PAULO FREIRE, UM HOMEM QUE AMAVA AS PESSOAS E OS CACHORROS

PAULO FREIRE, A MAN WHO LOVED PEOPLE AND DOGS

PAULO FREIRE, UN HOMBRE QUE AMABA A LAS PERSONAS
Y A LOS PERROS

Débora Mazza¹

RESUMO

O ensaio relata uma experiência vivida com Paulo Freire, que se manifestou em atitudes de proteção e amizade envolvendo pessoas e animais - em particular, uma criança e um cachorro. A partir de exemplos retirados da literatura nacional e internacional, o ensaio discorre sobre memórias, histórias e sentimentos virtuosos de solidariedade e compaixão que aproximam humanos e cachorros em cenários históricos, muitas vezes marcados por guerras, descasos com o sofrimento alheio, catástrofes sociais e ódios.

PALAVRAS CHAVES: Paulo Freire, Pessoas, Cachorros.

ABSTRACT

The essay reports an experience with Paulo Freire that manifested itself in attitudes of protection and friendship involving people and animals, in particular, a child and a dog. Based on examples taken from national and international literature, the essay discusses memories, stories and virtuous feelings of solidarity and compassion that bring humans and dogs together in historical scenarios, often marked by wars, disregard for the suffering of others, social catastrophes and hatreds.

KEYWORDS: Paulo Freire, People, Dogs.

RESUMEN

El ensayo relata una experiencia con Paulo Freire que se manifestó en actitudes de protección y amistad envolvendo personas y animales, en particular, un Niño y un perro. A partir de ejemplos tomados de la literatura nacional e internacional, el ensayo aborda recuerdos, historias y sentimientos virtuosos de solidaridad y compasión que unen a humanos y perros en escenarios históricos, muchas veces marcados por guerras, desprecio por el sufrimiento ajeno, catástrofes sociales y odios.

PALAVRAS-CLAVE: Paulo Freire, Personas, Perros.

¹ Doutora em Ciências Sociais - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Professora Livre Docente - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. **E-mail:** dmazza@unicamp.br

Submetido em: 21/06/2022 - **Aceito em:** 24/01/2023 **Publicado em:** 14/09/2023

Este título faz uma alusão direta ao romance *O homem que amava os cachorros*, de Leonardo Padura (2015), que discorre sobre as complexas narrativas políticas que cercaram a vida, o exílio e o assassinato de Leon Trotsky por Ramón Mercader. O autor consegue entrecruzar na sua obra literária impactante três tipos humanos: Iván Cárdenas Maturell, narrador fictício e veterinário que trabalha em Havana, Cuba, em uma clínica de animais; Liev Davidovich Bronstein, mais conhecido como “camarada Leon Trotsky”, homem da Revolução Russa e do Exército Vermelho que, depois de deportado pelo governo de Stalin, em 1929, viveu um exílio conturbado, passando pela Turquia, França, Noruega e, finalmente, pelo México; e Jaime Ramón Mercader del Río Hernández, comunista e combatente na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e mais tarde contratado para atuar na polícia política do Estado soviético, vindo a assassinar brutalmente Trotsky, em 1940. O que estes tipos tinham em comum? Eles amavam os cachorros.

O livro é entrecortado por cenas comoventes que envolvem as relações entre os personagens, os dilemas da história e os cachorros: Iván e seus cães Tato e Truco; Trotsky e seus galgos Maya e Azteca; Ramón e Churro, Ix e Dax. Segundo Gilberto Maringoni (2015, p. 11), “o encontro desses homens resultou em uma narrativa e em um dos mais brutais e emblemáticos crimes políticos do século XX”.

Seguimos também as pegadas científicas de Donna Haraway (2022, p. 10), que nos propõem refletir sobre as nossas conexões e interações com as espécies companheiras que se encontram na vida, na casa, na rua e com as quais criamos copresenças, relações de reconhecimento mútuo e conexões poderosas entre seres viventes.

A autora assim se expressa:

Adoro o fato de que genomas humanos sejam encontrados em apenas cerca de 10% de todas as células que ocupam o espaço mundano que chamo de meu corpo; os outros 90% das células são preenchidos pelos genomas de bactérias, fungos, protistas e que tais, alguns dos quais tocam uma sinfonia necessária para que eu esteja viva e outros que estão de carona e não causam a mim, a nós, nenhum dano. Sou em vasta medida excedida numericamente por meus diminutos companheiros; melhor dizendo, de venho um ser humano adulto em companhia desses diminutos comensais. Ser um é sempre devir com muitos. Algumas dessas biotas pessoais são perigosas [...]; por ora, elas são mantidas sob controle pelas medidas da sinfonia coordenada de todas as outras, células humanas ou não, que tornam possível o eu consciente.

Marilene Felinto dirá:

Somos convocados a refletir sobre como nunca fomos exatamente humanos [...] pois dividimos a terra com outros seres e organismos não humanos - animais, bactérias, máquinas, ferramentas- e nos moldamos uns aos outros.

Todos nós vivemos e morremos comprometidos com os outros numa relação naturalcultural.

Quando as espécies se encontram - no laboratório, na pesquisa de campo, no quintal de casa, no corpo humano - importa prestar atenção no conjunto de transformações que este processo pode ativar, uma coconstrução para um mundo outro, em que se desfazem as práticas de dominação justificadas pela ficção de que o humano é o centro do cosmos. Afinal, ser um é sempre tornar-se muitos, é devir com (FELINTO, 2022).

Nesta toada, trago aqui histórias corpóreas narradas em contornos de diversos corpos e sentidos que se conformam uns aos outros em formas de estar no mundo, constituindo-se e constituindo-nos por meio de interações resultantes da dança de encontros que molda sujeitos, muitas formas de vida, coisas e lugares (HARAWAY, 2020).

Em 24 de dezembro de 1988, nasceu minha primeira filha em uma noite prateada de lua cheia. Dizem vários grupos indígenas que uma gestação não dura 9 meses, e sim 10 mudanças de luas. Portanto, é necessário saber em que lua a criança foi concebida para saber a noite de seu rebento. Ana Clara foi gerada na casa 6, do Hotel Ipê, de Pocinhos do Rio Verde, em Caldas, MG, sede de pesquisa sobre cultura caipira camponesa, locada por Carlos Rodrigues Brandão. Eu ocupei a casa por cerca de dois meses para escrever o texto de qualificação de mestrado, enquanto o professor Carlos e seus orientados se ausentaram. Adriano vinha, nos finais de semana e feriados, me fazer companhia.

A beleza do momento, a luminosidade do luar e as características da criança lhe favoreceram o nome de Ana Clara.

Ana tinha 4 meses quando nos mudamos para Sousas, um subdistrito de Campinas, SP, entrecortado pelo Rio Atibaia, com características rurais, relevo acidentado, reduto de migração italiana, cercado por antigas fazendas de café e pela Serra das Cabras, uma porção avançada do maciço da Mantiqueira.

Ocupamos uma edícula que construímos num terreno desnivelado, situado entre duas ruas sem saída, e sem nenhuma vizinhança. O projeto estava inacabado, os muros incompletos, mas queríamos sair do aluguel. A casa ficava numa parte alta de um morro, próxima ao centro de Sousas, e permitia que avistássemos o gado que pastava na fazenda situada na entrada do subdistrito. Era uma vista bonita e bucólica. Uma das ruas levava a um morro, e no seu cume havia um cruzeiro utilizado pelos moradores católicos para fazer

romaria na Semana Santa. Assistíamos à procissão de romeiros que carregavam o altar da padroeira de Sousas que, por mera coincidência, era Sant'Ana.

Passeávamos muito, Ana Clara e eu, por estas ruas desabitadas e com resquícios de uma vocação rural. Éramos os únicos moradores daquela quadra arejada pelo vento, esverdeada pelo mato e acariciada pelo silêncio.

Um dia, Paulo Freire, depois da aula ministrada na Unicamp, foi com Bernardo, seu motorista, nos visitar, rever a Ana Clara e conhecer a nossa nova morada. Ele acariciou a pequena, caminhou pelo quintal descampado, alisou a sua barba branca e disse: “Vocês precisam de um cachorro para lhes fazer companhia e trazer segurança. Vou lhes presentear com um filhote da ninhada dos nossos cães”.

Paulo, à época, tinha Jim e Andra, um casal de cães com *pedigree*, da raça pastor-alemão capa preta, e Lutgardes, seu filho mais novo, estava tentando aprender a cuidar deles e a negociar os filhotes. Ele faz alusão a esses animais no seu livro *Política e Educação* (FREIRE, 2001, p. 12).

Cerca de um mês depois, Paulo e Bernardo retornaram com um macho, recém-desmamado, e nos recomendaram escolher um nome com a letra “C”, de modo a identificarem aquela ninhada. Chamamos o pequeno cãozinho de Conan, em alusão ao filme de época, *Conan, o Bárbaro*, portador de uma força bruta, um selvagem justiceiro de um povo massacrado e escravizado, contracenado por Arnold Schwarzenegger.

Ana Clara e Conan cresceram juntos, tornaram-se amigos, e muitos foram os finais de tarde em que caminhávamos livremente e solitários pelas ruas sem saída, na subida do cruzeiro e no cume do morro. O vento batia pelos cabelos dourados de Ana e nos pelos marrons e negros de Conan ... eram instantes mágicos de vidas entrelaçadas que me reportavam à música “*Ma Fille*”, de Serge Reggiani, um ator e cantor de origem italiana, que aparece na cena musical francesa na década de 60. Esta canção se popularizou na voz da cantora francófona, nascida no Quebec, Isabelle Boulay, e descreve momentos de afeto que envolvem o reencontro de mãe e filha, entre as idas e vindas da vida, através das mãos que se reencontravam sobre o dorso peludo de um cachorro que ambas amavam. E certifica: “essa era nossa maneira de ser boas companheiras”. Diz a letra: “*Et à chaque retour nos mains se rejoignaient sur le dos de velours d’un chien qui nous aimait. C’était notre façon d’être bons compagnons. Mon enfant, mon petit*” (REGGIANI, *Ma fille*, [s.d.]).

Na década de 1980 foi lançado um filme intitulado *O feitiço de Áquila*, que em 1986 ganhou Oscar de melhor mixagem e edição de som. A história se passa na Europa do século XII, onde o Bispo de Áquila (John Wood) toma consciência de que sua amada platônica, a bela

Isabeau (Michelle Pfeiffer), está apaixonada por Etienne Navarre (Rutger Hauer), um cavaleiro da realeza. O Bispo fica possuído de ciúmes ao tomar conhecimento da correspondência real do afeto que os envolve e lança uma maldição sobre o casal: de dia, ao nascer do sol, Isabeau se transforma em um falcão; e de noite, ao nascer da lua, Navarre toma a forma de um lobo. Assim, o casal fica impedido de se encontrar e viver uma relação de amor entre um homem e uma mulher. Navarre cavalga de dia com um falcão leal no ombro e ela caminha durante a noite protegida por um lobo feroz que nunca a abandona. Ambos buscam ultrapassar as muralhas fortificadas de Áquila para que o feitiço se quebre.

Conan cresceu e adquiriu feições que lembravam um lobo feroz, tornou-se um cão parrudo capa preta; Ana Clara desenvolveu um biotipo esguio e longilíneo e grassou leveza e agilidade. Várias vezes, caminhando pelos cenários rurais de Sousas, fui transportada para a magia do feitiço de Áquila e metaforicamente me sentia protegida por um lobo selvagem e acompanhada por um falcão ágil.

Conan viveu conosco durante 11 anos, período em que nasceram Carolina e Guilherme e, assim como Ana Clara, cresceram convivendo com este cão protetor e amoroso, com os de casa, e feroz com os estranhos. Alguns docentes e estudantes da Unicamp que frequentavam a nossa casa tiveram a oportunidade de conhecer esse nosso “melhor amigo”, presente de Paulo.

Hoje este mundo ficou registrado nas fotos, na experiência vivida e na memória afetiva da família. Com ele aprendemos formas múltiplas e não humanas de estar, acariciar, proteger, lamber, correr, morder sem machucar, pular de alegria, brincar sem arranhar, jogar com o corpo, cuidar e, às vezes, atacar e brigar.

Sob muitos aspectos, este mundo acabou: Conan faleceu, as crianças cresceram, as fazendas de Sousas foram invadidas por condomínios residenciais fechados, o cruzeiro foi arrancado pela corretagem imobiliária, nós nos mudamos, o casamento se desfez e Paulo nos deixou. Entretanto, ficou a lição deixada por esse homem que amava as pessoas, os animais, a educação, o diálogo e a convivência delicada e cuidadora.

Na literatura brasileira encontramos várias obras que narram a relação de fidelidade e coexistência entre humanos e caninos, alcançando sensibilizar o leitor para a importância desta aproximação como forma de superação de momentos difíceis da vida, oportunidade de aprendizados do cuidar e estabelecimento de vínculos afetivos duradouros. Como exemplo, apontamos *Quincas Borba*, de Machado de Assis; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; e Rubem Braga, considerado por Antonio Candido “um cronista puro, e talvez o maior da literatura

brasileira contemporânea” (CANDIDO, 2015, p. 110). Destaco sua crônica canino-familiar dedicada ao Zig, um cachorrão, com quem conviveu 11 anos em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo. Narra que Zig “era capaz de abanar o rabo para qualquer paisano que lhe parecesse simpático, mas a farda lhe despertava os piores instintos” (BRAGA, 2009, p. 32). Cogitava-se que algum soldado lhe houvesse feito maus tratos nas primeiras semanas de vida e, deste modo, volta e meia a família tinha uma “questão militar” a resolver, por culpa do Zig, que atacava os fardados, dos soldados aos carteiros. No entanto, era um anjo do lar e desde pequeno tomou-se de amizade por uma gata com quem dormia e adorava acompanhar a dona da casa nas missas matinais dominicais, subindo ao altar na hora da administração da Santa Comunhão, para o desespero de muitos fiéis.

Em que medida estas histórias de vidas humanas e caninas, esses personagens fictícios e reais, esses sentimentos expressos em atitudes, músicas, filmes, literatura se entrelaçam? Talvez eles nos acenem possibilidades de uma convivência híbrida e fraterna entre humanos e não humanos, pessoas e animais, sociedade e natureza. Porventura, eles talvez estabeleçam liames tênues e incertos entre o passado, o presente e o futuro, como nos lembra Maringoni (2015, p. 21):

O passado, embora esteja aparentemente resolvido, é uma equação aberta pelos dilemas do presente. Nenhum morto voltará à vida, e o resultado de jogo nenhum será alterado por conta desse exame. Mas as diferentes leituras que se fizerem de vidas, mortes e dinâmicas históricas, dizem muito sobre os passos a seguir.

Resgatar, neste momento, as reminiscências de Paulo nos presenteando com um filhote canino pode colaborar para equacionar os dilemas do presente em dinâmicas históricas mais ou menos pacíficas e carinhosas, mais ou menos guerreiras e violentas.

Indago-me: Por que esta memória afetiva do passado me toma de embargo no tempo presente?

Pode ser que a experiência de sofrimento vivida em dois anos de pandemia mundial me enteneça para mais de 650 mil de vidas de brasileiro(a)s perdidas para a doença, o negacionismo, o terraplanismo e o descaso de um governo obcecado em permanecer no poder à custa da erosão da sociedade e da democracia constitucional (GENEVOIS; DIAS; GREGORI, 2022, p. A3). Soma-se a isto o flagelo da fome, do desemprego, da deseducação, da desigualdade, do racismo estrutural e, ainda, a iminência da guerra que desponta de tempos em tempos, como nos conflitos que perduram em vários países da África, América, Ásia, do Leste Europeu e Oriente Médio e ora envolvem a Rússia e a Ucrânia, e contribuem para mobilizar nossos temores sobre a manejo das armas nucleares que as grandes potências mundiais – China, Estados Unidos e Rússia – jogarão no tabuleiro da geopolítica internacional. É possível que o medo e a angústia agucem minhas sensibilidades para repertoriar gestos de

ternura e proteção na dimensão cotidiana da vida e neles identifique “humanos que amavam as pessoas e os cachorros”.

Paulo, no início da década de 1990, pediu demissão da Unicamp, encerrou sua contribuição na Secretaria de Educação do município de São Paulo, aceitou a aposentadoria que a Universidade Federal de Pernambuco lhe concedeu e alegou a necessidade de diminuir o ritmo de trabalho em razão da idade avançada e das restrições de saúde. Ele dizia querer se permitir passar mais tempo com as pessoas que amava, ouvindo músicas, cuidando dos cachorros e dos passarinhos; reclamava que o corpo não acompanhava mais a cabeça e que, torcedor fanático do Santa Cruz, em Recife, e do Corinthians, em São Paulo, queria poder acompanhar as partidas de futebol pela televisão na companhia de Jim e Andra (HADDAD, 2019, p. 214).

É provável ainda que a nossa história seja apenas nossa, um grão de areia no oceano e, neste sentido, cabe a assertiva de Annie Ernaux (2019, p. 15), quando diz:

Tudo vai se apagar em um segundo. O vocabulário acumulado, do berço ao leito final, será eliminado. Restará somente o silêncio sem palavra alguma para nomeá-lo. Da boca aberta não vai sair mais nada. Nem eu, nem meu. A língua continuará inventando o mundo das palavras. Nas conversas ao redor de uma mesa em dias de festa, nós seremos apenas um nome, cujo rosto vai se desvanecer até desaparecer na massa anônima de uma geração distante.

Enquanto isso não se efetiva, vale a pena redimir as memórias que cultivem sentimentos naturais, sociais e políticos de piedade, ternura e amizade, tal como sugere Rousseau (1995, p. 166), pois, ao mesmo tempo, convivemos com humanos que “atiçam o ódio e apressam as catástrofes”, dado que, como nos adverte Thomas Mann (apud BRAGA, 2013, p. 52), “a tendência de pactuar com o demônio [...] não se limita à Alemanha”.

É sempre bom pensar o devir a partir dos dilemas hodiernos que enfrentamos, como o debacle ecológico, a precarização econômica e as crises nos sistemas políticos, familiares e interpessoais. Eles afetam humanos, não humanos, máquinas e ferramentas, e podem gerar parentescos entre estranhos e linhas de conexão engenhosas com práticas de viver e morrer de maneira recíproca, em um presente que pode ser denso de reconstrução de lugares tranquilos e compartilhados com muitas espécies (HARAWAY, 2022).

REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. Histórias de Zig. In: **50 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009. p. 31- 35.

BRAGA, Rubem. Thomas Mann I. In: **Retratos parisienses. 31 crônicas (1949- 1952)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p. 51- 52.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.

CONAN, o bárbaro. Direção de John Milius. USA: Universal Pictures, Dino de Laurentiis Company, 1982.

ERNAUX, Annie. **Os anos**. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

FELINTO, Marilene. Orelha do livro. In: HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GENEVOIS, Margarida; DIAS, José Carlos; GREGORI, José. O Brasil precisa de paz. Escalada de ataques às instituições deve ser contida. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, domingo, 8 de maio de 2022. Opinião, p. A3.

HADDAD, Sérgio. **O educador**. Um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.

HARAWAY, Donna J. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

HARAWAY, Donna J. **Seguir con el problema**: generar parentesco en Chthuluceno. 1. reimp. México: Edición Consonni, 2020.

MARINGONI, Gilberto. Prefácio. In: PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 9-21.

O FEITIÇO de Áquila. Diretor: Richard Donner. Estados Unidos: Warner Bros, 1985.

PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

REGGIANI, Serge. **Ma fille**. (Audio Oficial). [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vAYIUOQSM2cC>. Acesso em: 22/01/2023.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **O contrato social e outros escritos**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

Revisão gramatical realizada por: Leda Maria de Souza Freitas Farah.

E-mail: farahledamaria@gmail.com